

A CABRITA

No ano de 1949, recém formado em direito pela Faculdade do largo de São Francisco (que saudade e que orgulho), deixei meu cargo de Secretário de Comissões na Assembléia Legislativa de São Paulo (onde ganhava bem) e vim para Itápolis, para ser advogado. A decisão foi terrível, pois deixei o certo pelo duvidoso. Nos primeiros meses não tinha dinheiro nem para o cigarro. Sorte que meu Pai bancou tudo, inclusive minha vida de casado. No fim as coisas deram certo e meus filhos puderam fazer o curso superior e se encaminharam.

Só que tive de trabalhar muito, lecionando filosofia e história de manhã e advogando à tarde e à noite. Em trinta e tantos anos nunca tive férias e os sábados e domingos também eram de intensa atividade. Todos os dias, depois que as crianças dormiam e a casa aquietava, podia estudar os casos mais difíceis e cabeludos, às vezes amanhecendo sobre os livros e processos.

Às vezes, quando a tensão era muito grande e a estafa vinha chegando, combinava com um ou dois amigos e partia para o rio Tietê. Sol, luz, barco, motor, rancho, ar puro, mato, água e peixe eram o remédio milagroso. Esses dias de pescaria

eram os mais felizes, embora as segundas-feiras, pelo acúmulo de serviços, fossem de amargar.

Certa feita, há uns quinze anos, quando, imotivadamente, comecei a ficar irritado com os filhos, também implicando com o Juiz, Promotor e funcionários do Fórum, não agüentei mais. Numa sexta-feira, telefonei para o amigo Vicente Nigro (grande pescador) e partimos, no sábado, às 4 da madrugada para o Tietê, depois de comprar cinco quilos de bisteca de vaca e pão na padaria do Cardilli. Peguei o motor de popa e as mil coisas que os pescadores levam. Fomos para o Porto do Governo, no município de Borborema, onde existia uma balsa e o balseiro (Garcia) era meu amigo e pilotava meu barco, cujo nome era Piracicaba, cidade onde o comprei. Foi uma festa: fígamos 5 dourados, daqueles "baitelos" e almoçamos a carne, pão, peixe e uma galinha de angola, acompanhados de arroz e feijão (na gordura de porco). Pescamos à tarde e fomos dormir na sala da casa do Garcia, no chão, sobre dois colchões. Deitamos vestidos, só tirando os sapatos, pois não tínhamos pijamas.

De madrugada precisei ir ao banheiro. Aí começou o azar. A casa era pobre e não tinha instalação sanitária. A privadinha era um cubículo de tábuas, não possuía fossa e ficava atrás da casa. Quando a sujeira era grande, dois homens, segurando pelas alças (como as de uma carriola),

mudavam a privada, tosca e precária, para outro local limpo. Como a natureza não pode esperar indefinidamente, saí da casa quase correndo. A noite estava escura e sem lua e eu não tinha levado nem uma lanterna de pilha. Quando consegui divisar o vulto da latrina, já tinha soltado a cinta. Cheguei afobado e, com atabalhoamento, entrei pela portinha da "cuja", que abria de dentro para fora. Nessa altura, já estava com as calças nos joelhos. Lá dentro a escuridão era um breu... Fechei a porta e o tumulto começou, pois uma cabra chifruda estava no interior da "casinha". Ela assustou comigo e eu com ela, ambos impedindo a abertura da portinha. Gritei de susto e a cabrita berrou de medo. A latrina balançava de um lado para o outro, quase caindo. Os chifres me rabiscaram, perto das partes mais delicadas. Quando conseguimos sair (eu e a cabra), fomos recepcionados pelo Vicente Nigro, pelo Garcia, esposa e seus 8 filhos. O Garcia tinha uma lamparina de querosene que, na escuridão, lançava uma fartura de luz.

Nunca passei tanta vergonha.

Na manhã seguinte, quando já estávamos no bote, para nova pescaria de "rodada", apareceu um fazendeirão de camionete. Queria comprar um cabrito zebu, daqueles de raça pura e orelhudo. Interpelou o Garcia, que, maliciosamente, lhe respondeu:

- Quem entende de cabra aqui é o Dr. Rubão...

Se a amizade não fosse grande, ter-lhe-ia dado com o remo na cabeça.